

III CONGRESSO ORDINÁRIO DO SINTEPS

TESE: “A LUTA CONTINUA”

TEMA I: CONJUNTURA INTERNACIONAL E NACIONAL

O IMPÉRIO EM CRISE

Introdução

A ordem capitalista teve o seu esgotamento na segunda metade do século XX e foi buscar novas respostas para a crise generalizada que se tornou o ciclo vicioso da regulamentação fordista “ruptura do compromisso fordista”, na qual, a diminuição dos ganhos de produtividade, elevação da composição orgânica do capital, saturação da norma social de consumo e o desenvolvimento do trabalho improdutivo levaram à redução da taxa média de lucro.

A era da produção acaba e é preciso buscar novas alternativas para o Capital e o lucro.

A partir de 1970, o Japão foi o pioneiro na nova organização do trabalho, que foi chamada de “acumulação flexível”.

Em função dessas novas regras, se justifica a menor intensidade da crise dos anos 70 sobre o Japão e os tigres asiáticos. Na década de 80, o novo quadro do Capital ficou mais claro, cujas características centrais são:

- 1) Uso das tecnologias, a qualificação da mão de obra, a terceirização de mão de obra e a flexibilização da linha de produção;
- 2) Novas tecnologias;
- 3) Formação de mercados transnacionais;
- 4) Recuperação da hegemonia americana por intermédio da política cambial e a aceleração da guerra fria;
- 5) A imposição da abertura comercial, na desregulamentação financeira, nas privatizações e no livre fluxo de capitais.

A globalização trouxe ao Capital financeiro internacional, em seu primeiro momento, um excepcional lucro, com a expansão dos fluxos internacionais de comércio e da exportação, mas, também, enfraqueceu o sistema financeiro internacional, criando a ditadura do grande capital financeiro, atuando e destruindo moedas e economias pelo simples movimento de aplicações especulativas.

A globalização significa um mercado financeiro que movimenta diariamente mais de um trilhão de dólares e este mercado é responsável pelos movimentos especulativos que, desde 1992, obrigaram economias centrais (Inglaterra, Suécia), mais o México, o leste asiático, a Rússia e o Brasil, às desvalorizações cambiais com implicações diferenciadas sobre cada uma das economias. A fragilidade deste novo sistema faz com que a economia mundial seja incontrolável e com ampla liberdade de desregulamentação dos fluxos financeiros cambiais.

A máxima do mercado globalizado é a especulação e, partindo deste princípio, o Capital não investe em produção: ele se transfere com grande rapidez, de um lugar para outro do mundo, explorando as fraquezas das economias localizadas, principalmente no terceiro mundo, resultando em fluxos financeiros superiores aos das exportações, ao dos investimentos externos diretos, ao da formação bruta do capital fixo ao produto.

III CONGRESSO ORDINÁRIO DO SINTEPS

TESE: “A LUTA CONTINUA”

A especulação financeira torna-se meta do Capital, sendo maior que a produção mundial e suas características são:

- 1) Os Fundos de Pensão, Fundos Mútuos, Companhias de Seguros, Bancos, Fundações, etc, são os principais investidores institucionais;
- 2) Aplicações especulativas derivativas.

Analisando este processo, Paulo Nogueira Batista Jr. sintetiza as contradições da globalização:

- 1) A globalização não é fenômeno recente, o período de 1870 – 1913 foi até mais globalizado que o atual;
- 2) A globalização não abrange todo o planeta, havendo uma fortíssima concentração dos fluxos comerciais e financeiros entre os países ricos;
- 3) Continua a prevalecer o espaço nacional da sede da corporação como espaço privilegiado para a valorização do capital;
- 4) Do mesmo modo, a globalização não significa o fim do mercado nacional como base de geração de emprego e de demanda;
- 5) Também falsa é a tese de que a globalização significa o fim da participação do Estado na vida econômica.

A tese neoliberal de desenvolvimento capitalista, a partir de 1979, baseia-se na privatização, na abertura comercial e na desregulamentação dos mercados e tem produzido diversos prejuízos e conseqüências sobre o mundo do trabalho e sobre o capital. As conseqüências para o mundo do trabalho são:

- 1) O desemprego crescente;
- 2) A precarização do trabalho;
- 3) A retirada dos direitos sociais, trabalhistas e previdenciários, nos remetendo ao século XIX, com a ausência total de direitos sociais e reinventando a escravidão.

Em relação ao capital, as conseqüências da dominação neoliberal são:

- 1) Concentração da renda, riqueza e capital;
- 2) O aprofundamento das desigualdades regionais e sociais;
- 3) A consolidação do império americano;
- 4) A hegemonização do capital financeiro.

Em resumo: o domínio do grande capital e o imperialismo americano foram a resposta do Capital Financeiro Internacional à sua crise generalizada.

Histórico

Entre os anos de 1956 – 1963, é indiscutível a hegemonia aeroespacial da União Soviética. O Estados Unidos vive a sua pior crise político- militar- econômica entre os anos de 1971 –1979, mas rapidamente, ainda na década de 1980, ocorre o período de retomada da hegemonia americana. Esta retomada inicia-se com a imposição da supervalorização da moeda americana, fruto de uma política, do FED (Banco Central Americano), de juros recordes durante o governo Reagan. Para nós, da América Latina,

III CONGRESSO ORDINÁRIO DO SINTEPS

TESE: “A LUTA CONTINUA”

foi um período de grandes sacrifícios: taxa recorde de desemprego, recessão e estagnação econômica. Para a Europa e Japão coube pagar os custos da desvalorização da moeda americana, sendo obrigados a valorizarem suas moedas, abrindo caminho para a longa expansão da economia norte-americana, que vai marcar a década de 1990. A retomada da hegemonia dos Estados Unidos tem como fundamento a imposição da derrota ao Japão e o desaparecimento da União Soviética.

Na verdade, a hegemonia Americana significa a mais extensa e profunda experiência de dominação imperial do mundo moderno. Os Estados Unidos é hoje o mais amplo império da história mundial, seja no campo político, militar, econômico ou ideológico.

O Golpe Americano

Em 1972, Richard Nixon convenceu o Ocidente industrializado a usar o dólar como unidade dominante na contabilidade dos negócios internacionais, apesar dos Estados Unidos representar apenas um quinto do PIB do mundo. A partir dessa estratégia, e conseguiu 80% do superávit comercial do Ocidente para financiar a sua ambição militar e seu déficit comercial, que por sinal, até hoje não foi corrigido. É neste momento que as taxas de câmbio mundiais começam a ser flutuantes e baseadas no dólar, garantindo assim que o dólar se tornasse a unidade dominante da contabilidade dos negócios internacionais. Foi com esta política que os EUA puderam pagar as suas bases militares espalhadas pelo mundo e seu fabuloso déficit comercial em sua própria moeda sem qualquer contestação; considerando o resto do mundo como a nova fronteira norte-americana, enquanto este, abrisse o seu sistema financeiro e comercial às empresas dos EUA.

As empresas multinacionais americanas cresceram, nos últimos 30 anos, 10% ao ano, o que significa duas vezes as taxas de crescimento dos lucros domésticos, durante a maior parte do tempo. Sem dúvida, é a poupança interna da Europa e do Japão que sustenta o padrão de vida dos norte-americanos, apesar de um déficit comercial que já alcança 4% do PIB. Em troca, o mundo teve o direito de exportar para uma economia norte americano crescente, sem resistência, por que foi assim que o sistema foi planejado.

Assim sendo, os EUA se tornaram os donos da economia mundial, mas, nos últimos anos, o sistema tem deixado de funcionar. A economia americana deixou de cumprir o acordo, pois a sua capacidade econômica já não garante mais a “prosperidade prometida” para o resto do mundo. Os 30 anos de desregulamentação e retrocesso do estado de bem estar social, deixaram os EUA com os estabilizadores automáticos enfraquecidos.

Os Estados Unidos estão à beira de uma recessão e ameaça levar com ele, o resto do mundo, sem que haja qualquer plano internacional acertado para administrar as conseqüências ou mesmo, nos retirar dos apuros. O mundo beira ao abismo.

A máxima da ideologia neoliberal parte do princípio que são inegáveis as verdades do mercado, com uma obstinação suicida. A Argentina é o exemplo perfeito desta máxima, pois, apesar de ter cumprido todas as regras impostas pelo neoliberalismo, se encontra a beira da falência, porém, tentando tapar o sol com a peneira, a explicação do sistema não ter dado certo é por que o método não foi bem aplicado e que é necessário avançar mais no caminho neoliberal. O passo seguinte é a definitiva adoção da moeda do seu senhor e assim abandonar de vez qualquer controle de autonomia nacional, “reliquia primitiva e anacronismo inconveniente”, como dizem os “grandes” sacerdotes econômicos.

III CONGRESSO ORDINÁRIO DO SINTEPS TESE: “A LUTA CONTINUA”

A campanha ideológica dominante tem sido monumental em sua difusão, e os resultados têm se mostrado extremamente anti-sociais, antidemocráticos e antipopulares que os zapatistas dirão que lutar contra o neoliberalismo “é lutar pela civilização, pela humanidade contra a barbárie”.

O ex-secretário do trabalho do governo Clinton – Robert Reich declara que em sua opinião: *na economia capitalista globalizada, 20% dos trabalhadores terão bons salários e condições de trabalho, seriam os que ele chama de “analistas simbólicos”; 30% dos trabalhadores terão empregos precários, salários menores etc. e, finalmente, 50% simplesmente não terão lugar neste maravilhoso mundo novo “porque são inúteis e desnecessários”*. Na prática isto é nada mais, nada menos que uma campanha de genocídio e, não é de se estranhar que, em breve, tenhamos propostas governamentais de se acabar com os deficientes físicos e mentais, quem sabe até mesmo a eliminação de algumas raças, consideradas por eles desqualificados.

Cabe a nós, hoje, decidir como seres humanos, qual é o mundo que queremos para as nossas gerações futuras, pois temos 2 milhões de pessoas no mundo desempregadas, subempregadas, com empregos precários e sem nenhuma condição de modificar este cenário. Vemos em consequência disto, crescerem absurdamente os lucros das grandes incorporações, a concentração da renda, da riqueza e do poder. A grande verdade é, que este império dominante traz a exploração do ser humano, a desigualdade, a interdição e o cancelamento dos direitos sociais. Temos um império com poder de vida e de morte, vivendo e explorando o resto do mundo.

Na contra mão da lógica, os Estados Unidos hoje, nem com toda a exploração do resto do mundo, não é a maravilha que eles propagam. No centro do império existem 35 milhões de pessoas vivendo em estado de pobreza absoluta; existem também mais de 1 milhão de detentos nas cadeias e assim mesmo não resolveram o problema da criminalidade; a média de vida no Harlem tem um patamar inferior ao de Bangladesh e, é este modelo, sem saída, que eles querem impor ao mundo: a barbárie.

A propaganda ideológica é usada, pelos EUA, através dos meios de comunicação, em escala nunca vista, com uma multiplicidade de meios e formas, que impõem ao mundo a sua vontade e a sua dominação, que às vezes nos parecem invencíveis, mas na realidade é este o objetivo, que ninguém questione o sistema, só obedeça.

Questionamos:

Até quando vamos obedecer cegamente?

E por que?

Será que não tem outra saída, a não ser a dominação?

CONJUNTURA NACIONAL

O Brasil e o Império

No Brasil, o neoliberalismo começa realmente a ser implementado a partir do governo Collor. Devido a sua desmoralização e queda, o Capital Internacional teve que pensar em outra saída para a implementação do neoliberalismo no Brasil. A resposta veio com a articulação da candidatura de Fernando Henrique Cardoso.

O primeiro mandato de FHC se apóia no diagnóstico de que a causa básica da inflação é o déficit público, ou seja, a origem de tudo está no fato do governo gastar mais do que arrecada. Por isso a primeira fase do plano de FHC é o de ajuste fiscal, sendo seu

III CONGRESSO ORDINÁRIO DO SINTEPS TESE: “A LUTA CONTINUA”

objetivo primeiro cortar gastos e investimentos do governo para “zerar” o déficit público e conseguir até mesmo um excesso de arrecadação. Para isto, foram praticados cortes no orçamento de 1994, pela equipe do então ministro FHC e criou-se o Fundo Social de Emergência, aprovado logo no início da revisão constitucional.

O Fundo Social de Emergência diagnosticou os problemas, mas não resolveu a questão do déficit. O ajuste fiscal não foi efetivamente feito. O Fundo serviu apenas para cortar brutalmente os investimentos em áreas tais como: saúde, saneamento, educação e infra-estrutura, sucateando assim a máquina e os serviços públicos destinados à população.

Com uma campanha presidencial populista e demagógica onde se propunha a acabar com a pobreza, surge como executor de um programa de cunho elitista e perverso, no qual, os pobres vão ficar cada vez mais pobres e os ricos cada vez mais ricos e em menor número. Tudo isto é apresentado como o único caminho para a modernização, que levaria o Brasil ao primeiro mundo.

A reforma Constitucional foi feita à toque de caixa, num atropelamento sem igual da democracia, ao que se somou o oportunismo de uma maioria corrupta e inescrupulosa do Congresso Nacional.

Utilizando os meios de comunicação, as elites dominantes do Brasil, que nunca tiveram ou quiseram um projeto para o Brasil, como país soberano, acusaram os setores que se opuseram à política econômica antinacional do governo de FHC de estarem atrelados “ao velho nacionalismo retrógrado dos anos 50”.

Fernando Henrique Cardoso usou e abusou das Medidas Provisórias, medidas estas que o Congresso não transformou em lei e que o Supremo Tribunal Federal reputou inconstitucionais, mais que continuam sendo reeditadas. O desrespeito ao STF e à ordem constitucional existente é flagrante. O Brasil perdeu o seu impulso desenvolvimentista e apresenta um crescimento tímido e excludente.

Em nome de uma falsa modernidade, governo e congresso Nacional, sem nenhuma discussão profunda, abriram os monopólios estatais das telecomunicações, do petróleo e do Setor Energético. Nenhum país rico fez isto, pelo contrário, estes países compram a preço de banana as estatais dos países pobres.

A reforma da previdência, retira os direitos dos trabalhadores. Por fim, se trava uma guerra neste país por causa da questão da terra, o governo, através de seu ministro faz um enorme esforço para desqualificar o MST, até mesmo matando trabalhadores da terra. Por fim, FHC compra o seu segundo mandato.

O segundo mandato de FHC 1998-2002 tem primado pela corrupção em todos setores da vida pública e a crise estrutural atinge profundamente o Brasil. Os déficits correntes da balança comercial, o aumento da inflação e a crise política têm ampliado as contradições no interior da coalizão de classes representadas pelo governo FHC.

A corrupção será sem dúvida o marco da gestão de Fernando Henrique Cardoso, com denúncias de corrupção em quase todos os setores de sua gestão, que vem mostrando como efetivamente fazer a doação dos recursos públicos para os cofres privados. As denúncias escandalosas, em especial as da Sudam, Sudene, privatização das Teles e os programas de ajuda aos bancos deliberadamente falidos, demonstram como o governo de FHC e a sua base política se apropriaram do patrimônio público.

A crise tem se aprofundado e o desespero do governo em inviabilizar a CPI da corrupção é prova disso, pois, com certeza, as investigações terminariam na cadeira da presidência da República. Os aliados de FHC já começam a disfarçar e tentam se afastar da imagem negativa do governo em acentuada queda de legitimidade. A compra dos deputados e senadores para a retirada das assinaturas para abertura da CPI da corrupção

III CONGRESSO ORDINÁRIO DO SINTEPS TESE: “A LUTA CONTINUA”

chegou a ser patético. A fidelidade do parlamento no governo de FHC é espantosa, nenhum outro presidente pode contar com tanta fidelidade do parlamento: 95% dos projetos de lei do Executivo foram aprovados.

Na verdade a corrupção é apenas o começo, o problema é o programa neoliberal. A corrupção é a forma pela qual a grande burguesia, os setores burgueses regionais e o despotismo das oligarquias realizam a democracia no Brasil. A destruição física, intelectual e cultural da maioria da população é um dos resultados desta política governamental. A prepotência, a ditadura das Medidas Provisórias, a subordinação passiva da maioria do parlamento, de parte do judiciário e de grande parcela da mídia ganham força no imaginário social sob a forma da corrupção. A instalação da CPI traria à luz os segredos da intervenção políticas dominantes. No entanto, a falta de mobilização popular facilitou a compra de votos para arquivá-la.

O país necessita imediatamente de um projeto de nação, mas um projeto construído, de brasileiros para brasileiros, democraticamente. Temos que dar um basta nas privatizações e na destruição da capacidade produtiva instalada em território nacional e suas implicações nas políticas industriais e de empregos. O chamado apagão e as medidas governamentais ocultam o fundamental. Não se elaborou qualquer política de investimento no setor energético para facilitar as privatizações e agora, toda a sociedade é chamada a pagar o preço da política de doação do patrimônio público de FHC.

O problema da concentração extrema de capital é a governabilidade. Nos termos do presidente do Banco Mundial, J. Wolfensohn, “a pobreza é uma bomba que vai explodir na cara dos nossos filhos”.

A extrema miséria e a violência não concorrem para criar um clima adequado aos negócios. É por este motivo que o governo investe algumas migalhas em políticas compensatórias como a educação elementar e a formação profissional aligeirada. Veicula-se a idéia de que se o povo não tem emprego, a culpa é dele que não se qualificou para tal, portanto a culpa é da qualificação do trabalhador e não da política econômica, por isso, este deve investir em sua empregabilidade. A reforma do ensino técnico é facilitada pela adesão passiva de parte do movimento sindical à ordem capital. A definição de que os programas de qualificação do trabalhador são as principais tarefas do movimento sindical e não obrigação do estado colabora com as propostas do capital.

Neste sentido, o governo vem reformulando a Educação Profissional. Apesar da resistência de vários setores da Educação, ele tem empurrando goela abaixo suas reformas. No primeiro momento foi o ensino técnico e agora vem implementar mais uma etapa, com a mudança de currículos do ensino tecnológico superior.

Na verdade estes são os ditames do FMI e do Banco Mundial que, entendendo-se “os donos da verdade”, querem ter o poder de vida e de morte, da inclusão ou de exclusão.

Em termos práticos, isto significa denunciar os processos de dominação, as atuais forças globalizadoras, como processos a serviço da reiteração do poder do grande capital. Sem dúvida nenhuma, o ALCA (Área de Livre Comercio na América) é mais uma grande jogada do grande capital.

O grande interesse dos Estados Unidos na área de comercio brasileiro é submeter definitivamente a única grande economia da região: a brasileira e, manter sobre ela o total controle. O Estados Unidos participam desta estratégia com agressividade e arrogância, e o atual governo brasileiro com debilidade e irresponsabilidade de quem, de fato, abandonou qualquer perspectiva de defesa dos interesses nacionais, democráticos e populares.

Fundamentalmente, trata-se de reconhecer que a extensão e força do imperialismo realmente existem e que se convencionou a chamar de globalização neoliberal. Nós, os

III CONGRESSO ORDINÁRIO DO SINTEPS **TESE: “A LUTA CONTINUA”**

que nos recusamos a aceitar a barbárie da dominação do imperialismo, temos que mobilizar um conjunto de valores – idéias – exemplos, que, fundados no compromisso efetivo com a emancipação e a liberdade, sejam capazes de inspirar uma alternativa democrática popular à dominação imperialista. Deste repertório regional latino americano antiimperialista temos um campo rico de pessoas que tem feito a diferença, e os movimentos têm criado vida própria, como vemos florescer o MST e o EZLN; entre outros movimentos.

Estes movimentos remetem ao aspecto central da busca de uma alternativa latino americana para integração regional. Temos que procurar alternativas traduzidas em perspectivas, que determinem uma alternativa para a região buscar inserção não subordinada à economia internacional, que passe a fortalecer o mercado regional como base de ganhos de escala e produtividade. *Para se defender e garantir a integração regional é necessário a integração regional efetiva, a que garanta os interesses regionais, é a que supõe mudanças estruturais capazes de garantir o fortalecimento do mercado interno regional mediante a distribuição da renda, da riqueza, da informação. Este é o futuro que América Latina, autônoma, com sua capacidade de auto-determinação e de ampliação da liberdade e do bem estar de sua população, e principalmente, da universalização de direitos sociais básicos, direitos que têm sido historicamente sonogados, sobre tudo no Brasil, que é campeão da desigualdade social, da concentração de renda e da riqueza, da subalternidade de suas elites ao ditado imperial.*

No Brasil de hoje, sócios menores, especuladores, uma burocracia estatal corrupta, entrega definitivamente o Brasil ao Império norte-americano.

É legítimo dizer que, de fato, quem representa os interesses do Brasil, são as mesmas forças que combatem o capital e a sua dominação; que a luta pela autonomia nacional, pela solidariedade e as cooperações internacionais é a luta contra o capitalismo em sua fase de imperialismo norte-americano.

Partindo deste ponto, nós precisamos tomar a luta em nossas mãos. Lembrando que 2002 é ano eleitoral, precisamos escolher verdadeiros representantes do povo brasileiro, que tenham compromisso com propostas para o país, como nação soberana e não com as forças entreguistas que estão hoje no poder. Há um trabalho a ser feito e é de extrema necessidade fazer esta discussão já. É um árduo trabalho diário, falando com todos e mostrando a necessidade de mudanças reais nas políticas econômicas e educacionais deste país.

Nós, brasileiros, precisamos urgentemente olharmo-nos no espelho e nos enxergar como nação, como brasileiros. Queremos um Brasil incluso, para todos. E se este é nosso desejo, nosso sonho, não há outro caminho, só a construção de uma sociedade mais justa.

Então mãos a obra!

III CONGRESSO ORDINÁRIO DO SINTEPS
TESE: “A LUTA CONTINUA”

TEMA I – CONJUNTURA NACIONAL E INTERNACIONAL

RECOMENDAÇÕES AO CONGRESSO

- SER CONTRA O PROJETO NEOLIBERAL;
- FAZER CAMPANHA ABERTA CONTRA O PSDB;
- SER CONTRA AS REFORMAS DE FHC E SEU BLOCO DE SUSTENTAÇÃO;
- UNIFICAR A LUTA COM OS DEMAIS TRABALHADORES;
- DEFENDER A REFORMA AGRÁRIA EM CONDIÇÕES CONCRETAS;
- DENUNCIAR E LUTAR CONTRA TODA E QUALQUER ESPÉCIE DE CORRUPÇÃO;
- LUTAR PELA HONRA E DIGNIDADE DO SERVIDOR PÚBLICO;
- SER CONTRA TODA E QUALQUER PROPOSTA DE RETIRADA DOS DIREITOS DOS TRABALHADORES;
- LUTAR POR MAIORES INVESTIMENTOS PARA OS SERVIÇOS PÚBLICOS;
- DEFENDER A REFORMA TRIBUTÁRIA QUE GARANTA A EFETIVA E JUSTA DISTRIBUIÇÃO DE RENDA;
- LUTAR CONTRA TODO E QUALQUER TIPO DE SONEGAÇÃO;
- SER CONTRA QUALQUER INTERFERÊNCIA DAS GRANDES POTÊNCIAS MUNDIAIS;
- PARTICIPAR ATIVAMENTE DO PROCESSO ELEITORAL EM 2002, VOTANDO EM CANDIDATOS REALMENTE COMPROMETIDOS COM OS TRABALHADORES, COM UM PROJETO DE NAÇÃO PARA O BRASIL, QUE CONTEMPLE UM MODELO DE DESENVOLVIMENTO SOBERANO.